

Documentação

Fonte: GM

Data: 23/2/2000 Pg. A17

Class.: 96

Fundo vai financiar pesquisas na Amazônia

Projeto sobre emprego da biodiversidade, incluído no Avança Brasil, já conta com US\$ 1 milhão das Nações Unidas e do BID

Regina Scharf
de São Paulo

Serragem descartada por madeiras pode ser utilizada no tratamento de artrite reumatóide. Extratos de pimenta-do-reino e virola vão combater o câncer, a doença de Chagas e a esquistossomose. Bactérias do Rio Negro podem eliminar a leishmaniose. Cogumelos vão ajudar a branquear a celulose usada pelas indústrias de papel.

Estas são algumas das pesquisas tocadas pelo hoje virtual Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), que será inaugurado na Zona Franca de Manaus no início do próximo ano. Promovidas por algumas das maiores universidades brasileiras, estas e outras pesquisas já têm garantidos R\$ 1,5 milhão a fundo perdido do Banco da Amazônia (Basa) e poderão concorrer aos recursos do Fundo Permanente para a Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, criado na noite da última segunda-feira.

O fundo, que já alavancou US\$ 1 milhão junto às Nações Unidas e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é uma parceria do Banco Axial, especializado em promover projetos ambientais, e da organização social Bioamazonia. Ela foi criada pelo governo federal para tocar o Programa de Ecologia Molecular para Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia (Probem), um dos programas do Plano Plurianual 2000-2003 (PPA). Uma das principais metas do Probem é, justamente, criar o CBA, um pólo de desenvolvimento destinado a agregar valor aos produtos amazônicos.

O fundo, cujas regras ainda estão sendo discutidas, tentará levantar US\$ 150 milhões junto a investidores privados, ao longo dos próximos dois anos. Os recursos deverão complementar os R\$ 48 milhões orçamentários que o governo federal

pretende destinar ao projeto.

Dado o interesse demonstrado na noite de lançamento, deverá vingar. Havia pelo menos duas dezenas de representantes de indústrias farmacêuticas e de cosméticos, como Merck, Novartis, Weleda, Natura, Karina, Laboratório Biossintética, além da madeireira Gethal.

"A castanha sai in natura do País para ser processada lá fora pela rede Body Shop", diz João Carlos Basilio da Silva, presidente Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec), que aposta numa enorme demanda por produtos amazônicos no exterior. "Nós não queremos que esse modelo se repita". Levantamento feito pelo Probem indica que o preço do jaborandi, muito usado em tônicos capilares, é 1% do valor cobrado pela pilocarpina, colírio para glaucoma derivado da planta.

Para Lauro Moretto, vice-presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo, é preciso aproveitar "centenas de pesquisas sobre plantas medicinais que dormem em berço esplêndido nas universidades". Ele explica o interesse dos empresários no Probem: "para a indústria, a pes-

Uso da biodiversidade		
(em US\$ mil)		
Tema	Universidades	Valor
Substâncias contra doença de Chagas, antifúngos e antimoluscos extraídas da pimenta-do-reino	USP, Unesp, FUA, Instituto Butantan, Universidad Pedro Ruiz Gallo (Peru)	45
Antioxidantes extraídos da virola para males estomacais e tumores	Unesp, Inpa, USP, Columbia University (EUA)	44
Substâncias químicas a partir de serragem	FUA, UFMG, UFRGS	25
Substâncias para o tratamento da malária	FUA, USP, Unicamp	40

quisa sairá bem mais barata, usando a capacidade das universidades".

Como elas poderão participar do fundo e de quem será a patente ainda não foi decidido. O primeiro motivo é a falta de uma legislação federal regulando o acesso aos recursos genéticos. Projeto da senadora Marina Silva que regulamenta a soberania

nacional e os direitos das comunidades sobre a biodiversidade tramita há cinco anos no Congresso. Outros três textos sobre o tema aguardam votação, um proposto pelo governo, outro do deputado Silas Câmara e outro do deputado Jacques Wagner.

"Na falta de uma lei específica, o Conselho Nacional de Pesquisa e a

Embrapa têm normas que regulamentam o acesso à biodiversidade, a ação de pesquisadores estrangeiros e a segurança na transferência de material genético", diz Spartaco Astolfi Filho, coordenador do Conselho Científico da Bioamazonia.

Segundo Wanderley Messias da Costa, diretor geral da organização, "provavelmente o pool não desenvolverá drogas, produtos finais". Ele se especializaria em fabricar extratos e princípios ativos. As indústrias se encarregariam de fazer a última etapa de pesquisa, misturando-os a outros componentes.

As empresas interessadas poderão investir no fundo — e ter um retorno similar ao de outros investimentos no mercado financeiro — ou propor contratos de exclusividade com um determinado grupo de pesquisa. Nesse caso, ela pagaria mais caro, mas estaria dispensada de repartir os royalties de eventuais descobertas com seus concorrentes.

O CBA deverá ter 26 laboratórios distribuídos por 12 mil metros quadrados, destinados à produção de extratos, ensaios industriais e incubação de pequenas empresas. Ele também desenvolverá técnicas de manejo agrícola das espécies sele-

cionadas. "A idéia é buscar, conservar, classificar e decompor espécies que interessam, partindo inclusive do conhecimento popular", diz Astolfi. Há estimativas de que as populações indígenas conhecem as propriedades medicinais ou alimentícias de 1.500 plantas da região.

"Buscamos variedades que possam ser plantadas em conjunto com a pimenta-longa, muito usada na Amazônia para recuperar áreas degradadas", diz Massuo Kato, pesquisador da Faculdade de Química da Universidade de São Paulo e coordenador de um dos projetos já selecionados pelo Basa. Junto com cientistas do Peru, do Instituto Butantan, da Fundação Universidade do Amazonas e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), ele está pesquisando várias espécies da família da pimenta-do-reino, colhidas na Mata Atlântica e na própria Amazônia. Sua meta é encontrar princípios ativos com propriedades antifúngicas, que possam combater a doença de Chagas ou os moluscos que transmitem a esquistossomose. Ele acredita que, em dois anos, a equipe poderá isolar algumas substâncias, definir seu uso químico e eventual toxicidade.